

Dicionário de Agroecologia e Educação: experiência de luta e construção coletiva

Dictionary of Agroecology and Education: experiences of struggle and collective construction

STAUFFER, Anakeila de Barros¹; DIAS, Alexandre Pessoa²; VARGAS, Maria Cristina³; BAHNIUK, Caroline⁴; GUHUR, Dominique⁵; FERNANDES, Gabriel Bianconi⁶

¹Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz (EPSJV/Fiocruz), anakeila.stauffer@fiocruz.br; ²EPSJV/Fiocruz, alexandre.pessoa@fiocruz.br; ³Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, vargasmcristina@gmail.com; ⁴Universidade de Brasília, carolbani@gmail.com; ⁵Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, dominiqueguhur@gmail.com; ⁶Articulação Nacional de Agroecologia, biefernandes@gmail.com.

RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico

Resumo: O *Dicionário de Agroecologia e Educação* é instrumento político-pedagógico de formação e popularização da ciência, incluindo os conhecimentos populares, a mobilização social, a organização da classe trabalhadora para a transição agroecológica e a emancipação humana. Coordenado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, envolveu 68 instituições e 169 autoras(es). O processo de produção se deu a partir de uma consulta pública junto aos sujeitos, instituições e movimentos sociais que vêm construindo a agroecologia, buscando a diversidade de concepções, trajetórias, experiências, que possuíam em comum o compromisso com a classe trabalhadora, os povos e comunidades tradicionais e os oprimidos. A obra teve compromisso de trazer o estado da arte da Agroecologia, embora sem pretender esgotá-lo, consciente de ser uma contribuição diante da riqueza do movimento agroecológico, do protagonismo daqueles que plantam e cuidam da Terra.

Palavras-chave: ecologia; saúde e ambiente; questão agrária, poder popular.

Introdução

A atual fase do capitalismo no campo e na cidade se sustenta no avanço da mercantilização da vida, na privatização dos bens comuns, na concentração das terras e no consumo predador. Um de seus pilares é o agronegócio, com seu modelo de monoculturas químico dependente, que causa a contaminação e o desmatamento de vários biomas, agravando a emergência climática e o colapso ecológico.

Para que a vida no planeta não sucumba, é necessário criar alternativas que possam recompor a associação entre ser humano e natureza. Nessa trincheira, a Agroecologia se constitui como um dos pilares fundamentais e incontornável para um projeto societário justo, democrático, comprometido com o presente



e futuro da humanidade e da Mãe Terra. É imperativo transformar a Agroecologia em um processo orgânico em que as experiências e a sua síntese, do ponto de vista político, técnico, e histórico, possam atingir uma ampla escala.

A Agroecologia entrelaça lutas populares, conhecimentos científicos e populares dos agricultores, povos e comunidades tradicionais, movimentos populares e ONGs, que acumulam ao longo do processo histórico inúmeras experiências de agricultura que se constituíram como enfrentamento ao latifúndio, à Revolução Verde e às diversas violências e explorações capitalistas. Podemos citar como forças contra hegemônicas, a Via Campesina; a *Coordinadora Latinoamericana de Organizaciones del Campo* (Cloc); o Período Especial cubano, que se transforma em uma verdadeira revolução agroecológica; o *Movimiento Agroecológico de América Latina y el Caribe* (Maela); encontros de estudantes, profissionais e pesquisadores, implementando sistemas de assistência técnica inspirados na metodologia Campesino a Campesino (de países como Guatemala, Nicarágua e Cuba); Encontros Nacionais de Agroecologia (ENAs); o encontro Diálogos e Convergências (2011); a retomada da campanha contra os agrotóxicos e a publicação do Dossiê Abrasco (CARNEIRO, et al, 2015).

Além disso, movimentos populares camponeses organizam suas experiências incluindo a Agroecologia em suas diretrizes programáticas, tais como: Encontro Unitário dos Trabalhadores, Povos do Campo, das Águas e das Florestas (agosto de 2012); Marchas das Margaridas (especialmente as de 2011 e 2015); Congressos Nacionais do MST, entre outros. Desses movimentos diversos e potentes, constituiu-se a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (Brasil, 2012), sua implementação e o próprio funcionamento da Comissão Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (CNAPO). A obra teve compromisso de trazer o estado da arte da Agroecologia, embora sem pretender esgotá-lo, consciente de ser uma contribuição diante da riqueza do movimento agroecológico, do protagonismo daqueles que plantam e cuidam da Terra.

A Agroecologia vem se constituindo como um processo de convergências e contradições, com um conjunto amplo e diverso de contribuições, de aproximações sucessivas sobre a realidade, identificando os fundamentos centrais e como eles podem ser compreendidos pelo conjunto da classe trabalhadora. Diante desta riqueza de conhecimentos e de *práxis*, a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com o apoio da Vice-Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde e da Presidência da Fundação Oswaldo Cruz, e em parceira com a Editora Expressão Popular, organizaram o *Dicionário de Agroecologia e Educação*, uma obra de produção coletiva com a participação de distintos sujeitos e instituições.



O dicionário busca responder às necessidades e expectativas de educadoras(es) das escolas do campo de articular a Agroecologia em suas ações educacionais e/ou práticas pedagógicas. Almejamos alcançar educadoras(es) das escolas do campo, das florestas, das águas e das cidades, inseridas(os) em processos de lutas junto aos movimentos populares, que se envolvam em distintos processos de formação. Da mesma forma, ensinamos que seja um instrumento junto a estudantes e trabalhadores das áreas da saúde, meio ambiente e agrárias; militantes nos processos formativos e de organização da classe trabalhadora.

A produção deste dicionário é mais uma ferramenta de luta, à medida em que visa questionar e descortinar a produção da vida imposta pelo capital que mercantiliza a vida, privatiza os bens comuns, realiza a concentração das terras, provoca o colapso ecológico, institui o modelo de monocultivo químico dependente, que causa a destruição de vários ecossistemas, acelerando e agravando as causas e efeitos da emergência climática.

Metodologia

O conhecimento agroecológico é uma *práxis* entre a realidade imediata e a totalidade social. Ao incorporar diferentes tipos de conhecimentos, engloba formas de (re)produzir a cultura e o conhecimento nos processos formativos formais, não formais e informais, fomentando a constituição de novas relações e práticas sociais.

Assim, o Dicionário visa contribuir para a sistematização da Agroecologia, pautando-se em algumas questões para sua elaboração: o que crianças, jovens e adultos precisam compreender sobre a lógica agroecológica no estabelecimento de relações entre ser humano e natureza? Quais fundamentos científicos as pessoas precisam compreender sobre a Agroecologia?

Diante de tais indagações, iniciou-se o processo de produção a partir de uma consulta pública junto aos sujeitos que vêm construindo a Agroecologia, demandando-lhe a explicitação de temas que fossem necessários para que as pessoas pudessem compreendê-la. A partir de tal consulta, os organizadores/as da obra sistematizaram as contribuições que foram fruto de discussão numa oficina em que se organizaram os eixos e se definiram verbetes fundamentais para compreender o campo. Os eixos se tornaram guias metodológicos para os 106 verbetes, escritos por 169 autores/as (brasileiros, guatemaltecos e mexicanos) – educadores, militantes, pesquisadores – de 68 instituições distintas – universidades públicas, institutos federais de educação, movimentos sociais, instituições públicas de pesquisa, organizações não governamentais e redes.



Resultados e Discussão

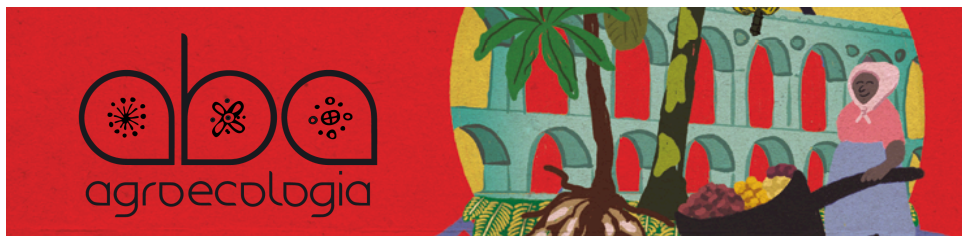
Todo o processo de elaboração do Dicionário ocorreu de forma voluntária, sendo compreendida sua importância política para a construção e sistematização do conhecimento agroecológico.

O 1º eixo – *Metabolismo socioecológico: questão agrária, sociedade e natureza* – discute a histórica e complexa interdependência entre seres humanos e natureza. Inclui as condições impostas pela natureza (como os biomas, por exemplo) e a capacidade dos seres humanos de transformar seus processos por meio do trabalho. Abrange essa relação inscrita no modo de produção capitalista (as tecnologias que impulsionaram o desenvolvimento do capital no campo e a industrialização da agricultura, as modernas tecnologias de manipulação da vida) e identifica os sujeitos que, rebelando-se contra o capitalismo, criam propostas e elaborações teóricas na construção da Agroecologia. Este eixo é composto por 44 verbetes, dentre eles, Ruptura do Metabolismo Socioecológico; Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional e Território.

O 2º eixo – *Agroecologia e bases ecológicas da agricultura* – traz o debate sobre a Agroecologia em sua dimensão de ciência que fornece tanto as bases teóricas e metodológicas para o manejo sustentável dos agroecossistemas como estabelece o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os complexos sistemas que usam os recursos locais para minimizar a necessidade de insumos externos, lutando por autonomia e segurança alimentar. Dentre os 16 verbetes deste eixo, podemos destacar: Agroecossistemas; Interações Ecológicas e Saneamento Ecológico.

O 3º eixo – *Organização popular, agroecologia e Estado* – aprofunda o debate da Agroecologia em seu processo de consolidação, como elemento dinâmico da totalidade de um projeto emancipatório dos povos, fomentando uma dimensão transformadora vinculada a uma práxis territorialmente localizada nas múltiplas expressões do campesinato. Na perspectiva de superação da ruptura metabólica empreendida pelo desenvolvimento do modo de produção capitalista, a Agroecologia se relaciona dialeticamente entre a organização popular e o Estado, uma vez que seus sujeitos estão em articulação e mobilização, realizando o embate em torno dos aparelhos estatais e da efetivação de políticas públicas. Estão reunidos nesse eixo 24 verbetes, dos quais podemos citar: Emancipação Humana, Feminismo Camponês e Popular e Articulação Nacional de Agroecologia.

O 4º eixo – *Educação, Saúde, Cultura e Agroecologia* – explicita a necessidade de novas exigências formativas na interface entre natureza, trabalho e cultura, em contraposição à pedagogia do capital. A relação entre Agroecologia e Educação tem por centralidade o trabalho no campo, desenvolvido pelos movimentos e sujeitos sociais em luta na direção da emancipação social.



Fundamenta-se nos pressupostos da Pedagogia Socialista, da Pedagogia do Movimento, da Educação do Campo e da Educação Popular, produzindo o diálogo entre os conhecimentos popular e científico, com necessária relação entre teoria e prática, instigando a investigação sobre a realidade imediata em conexão com a totalidade social. É composto por 22 verbetes, dentre os quais citamos: Educação Politécnica e Agroecologia; Pedagogia do Capital e Determinação Social da Saúde.

Foi solicitado aos autores/as a redação de textos aprofundados e conceitualmente rigorosos, mas com linguagem acessível, abordando a gênese, o desenvolvimento e a atualidade de cada assunto tornado verbete, salientando a práxis como uma necessidade para avançarmos na construção da Agroecologia. Esse esforço de organização procura expressar um todo coerente, sendo possível ao/à leitor/a identificar a intertextualidade, as referências cruzadas entre os verbetes que compõem a obra. Ao debruçar-se sobre a leitura do Dicionário (Dias, et al. 2021) pode-se observar que grande parte dos verbetes traz concepções próprias sobre a Agroecologia, de maneira a contemplar a diversidade do debate entre os movimentos e as organizações, embora sem pretender esgotá-lo.

Conclusões

A Agroecologia tem se consolidado como base fundante do único projeto possível de produção de alimentos e matérias-primas que atende às necessidades das famílias trabalhadoras da cidade e do campo, bem como da Mãe Terra. Sua efervescência se relaciona com o avanço de uma nova forma de organização do capitalismo no campo, sobretudo a partir da segunda metade dos anos 1990, com a entrada dos transgênicos que consolidaram o neoliberalismo no campo. A partir dos anos 2000, consolida-se política e ideologicamente o agronegócio, significando a entrada do Brasil num novo ciclo de reprimarização da economia. Assim, o avanço do capitalismo predatório sobre o campo, impulsionou a constituição de movimentos que necessitaram instituir um projeto próprio que pudessem defender – a Agroecologia – para além de evidenciar o modelo que rejeitavam.

Tais movimentos construíram o entendimento que temos sobre a Agroecologia no Brasil e na América Latina e que buscamos organizar no *Dicionário de Agroecologia e Educação*. Assim, a partir de um conjunto amplo e diverso de olhares, identificamos os fundamentos centrais, novas pistas e sínteses para situarmos a Agroecologia num projeto de transformação social. Não consideramos, porém, a Agroecologia como um novo projeto de sociedade, pois essa só poderá atingir a sua completude em outra sociedade que não tenha por base o capitalismo.



O *Dicionário* contribui para apropriação e socialização de tais conceitos junto à classe trabalhadora, pois consideramos a relação entre Educação e Agroecologia como espaço fecundo de elaboração que questiona as exigências formativas da pedagogia do capital. Os fundamentos da pedagogia do trabalho e da educação popular, ao trazerem matrizes teóricas que exigem o diálogo entre a educação, o trabalho e a cultura por meio da articulação orgânica entre os processos produtivos e educativos, anunciam a fertilidade da criação de novas relações de trabalho, na direção da emancipação social em compromisso com a humanidade e seu futuro, o que se relaciona com a defesa da vida, da saúde e do ambiente, em uma perspectiva de totalidade. Ela é estratégica para a promoção da saúde nos territórios e na elaboração de políticas públicas que visem a estruturação da soberania alimentar.

A fim de socializar a obra, propiciamos a divulgação em distintos congressos, encontros de agroecologia, reuniões de movimentos sociais sobre temas diversos, em audiências públicas em câmaras legislativas, em *lives*, na produção de vídeos sobre os verbetes em cursos de formação da classe trabalhadora, na divulgação na página eletrônica do programa de pós graduação da EPSJV e de diversas entidades, dentre outros. Diante da emergência climática e da crise do metabolismo socioecológico do capitalismo, a Agroecologia se coloca como uma estratégia incontornável de enfrentamento do capital, bem como de ações de mitigação e de adaptação a um mundo hostil. O *Dicionário de Educação e Agroecologia* é uma publicação política e pedagógica em Movimento.

Referências Bibliográficas:

BRASIL. Decreto n. 7.794, 20 de agosto de 2012. **Institui a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2012.

CARNEIRO, Fernando Ferreira et al. (org.). **Dossiê Abrasco: um alerta sobre os impactos dos agrotóxicos na saúde**. Rio de Janeiro/São Paulo: EPSJV/Expressão Popular, 2015. Disponível em https://www.abrasco.org.br/dossieagrototoxicos/wp-content/uploads/2013/10/DossieAbrasco_2015_web.pdf. Acesso 1 fev. 2023.

DIAS, Alexandre Pessoa et al. (org.). **Dicionário de agroecologia e educação**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular: Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. 816p. Disponível em <https://www.epsjv.fiocruz.br/publicacao/livro/dicionario-de-agroecologia-e-educacao>. Acesso 1 fev. 2023.